



## **PROFESSOR ORIVALDO PIMENTEL LOPES JÚNIOR**

### **INTERVIEW: PROFESSOR ORIVALDO PIMENTEL LOPES JÚNIOR**

Por Revista Inter-Legere

Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde 1994. Doutorou-se em Ciências Sociais na PUC/SP em 2002, com sanduíche na *Drew University* na *New Jersey*, Estados Unidos. Possui Graduação em Teologia (FTB/SP - 1979) e em Letras (UnP - 2002); Fez um primeiro mestrado em Teologia (Sem. Batista/RJ - 1984) e outro em Ciências Sociais (UFRN - 1992). Atualmente é Professor Adjunto e Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, e pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), além de ser Capelão Universitário. Preside a Fraternidade Teológica Latino Americana no Brasil (FTL-B). Entre outras atividades, já coordenou a base de pesquisa Cultura, Ideologia e Representações Sociais e o curso de graduação em Ciências Sociais.



***Revista Inter-legere*: Os estudos da religião constituíram-se num importante campo de análise nas Ciências Sociais, desde a sua formação. Hoje, tal empreendimento é relevante?**

*Orivaldo P. Lopes Júnior* – O afã explicativo da religião é algo que ocorre desde o início da modernidade. O filósofo Jean Bodin já desenvolvera essa prática em meados do século XVI. Havia a pressuposição de que o desenvolvimento da tecnociência desvaneceria da sociedade seus arroubos mágico-religiosos. Como isso jamais aconteceu, os cientistas sociais se sentiam desafiados a compreender essa aparente anomalia. Depois, com tantos estudos clássicos, a tendência foi a de uma reprodução espontânea de outros e outros estudos, de modo que hoje é imensa a quantidade de centros de pesquisa, publicações científicas e eventos

nessa área. Hoje, a necessidade não é tanto a de explicar uma aparente anomalia, mas perceber os encantamentos que florescem nos jardins do sagrado, visando enriquecer a humanidade e prover as próprias religiões com uma auto-compreensão crítica que lhe permita evitar becos sem saída. Os próprios agentes religiosos, com a capacidade adquirida na Ciências Sociais, poderão exercer melhor sua tarefa que é de grande envergadura na sociedade contemporânea, como por exemplo, instruir as pessoas na moral e na ética; acompanhar os que sofrem em seus momentos de angústia; dar aconselhamento aos que estão passando por momentos difíceis; reconciliar os que estão em conflito, habilitar as pessoas à cidadania: manter viva na sociedade a chama da espiritualidade, preservar as grandes tradições espirituais dos povos; promover intercâmbios inter-regionais e inter-nacionais, como sementes de uma cultura da paz, etc.

***Revista Inter-legere: De modo geral, os estudos da religião têm sido feito por dois grupos de pesquisadores. Aqueles que são assumidamente religiosos e outros que advogam uma "isenção" do pesquisador no que diz respeito a sua crença. Como se dá esta relação?***

*Orivaldo P. Lopes Júnior* – No fim do século XIX, com o advento da fenomenologia, como postura epistemológica sócio-científica, e com a percepção de que nada havia de incompatível entre uma sociedade laica, sob a hegemonia da tecnociência, e a religiosidade... começaram a surgir pesquisadores que não viam nada de impeditivo em se fazer ciência sobre as práticas religiosas sem tirar a priori, dessas práticas, sua autenticidade. Eles não eram necessariamente religiosos, mas respeitavam a religiosidade como forma legítima de relação do ser humano com o Real. Evidentemente que eles foram e continuam sendo muito mal vistos pelos que ainda operam no registro positivista e seu afã de “*explaining away*” o fenômeno religioso. Quando detentor de poder institucional, um grupo tende a bloquear o outro. Essa querela será infinita dentro do paradigma cartesiano da simplicidade onde faltam metacompreensões do pensamento humano.

## **Revista Inter-legere: Qual o panorama atual dos Estudos da Religião no Brasil e no Nordeste?**

*Orivaldo P. Lopes Júnior* – A referida disputa tem prejudicado o pleno desenvolvimento dos Estudos da Religião no Brasil e no Nordeste. Por exemplo, no Brasil temos uma agência de pesquisa da religião que produziu excelentes estudos sobre a religião no Brasil. Trata-se do Instituto de Estudos da Religião (ISER). A publicação principal do ISER é a revista “Religião e Sociedade”. A influência do cientificismo positivista nos órgãos supervisores das publicações científicas no Brasil tem feito com que a revista não seja classificada como científica. E olha que os artigos ali publicados são só na sua minoria de religionistas!

No Nordeste, os grupos de pesquisadores das diferentes Universidades tendem a taxar os outros de não cientistas. Desse modo, a fragmentação institucional é mantida, e o desenvolvimento fica a desejar. Começam, no entanto, a surgir perspectivas positivas no horizonte, graças aos intercâmbios que acontecem entre os professores para as bancas e outros eventos regionais.

## **Revista Inter-legere: Desde o início da década de 80, temos nos deparado com um significativo crescimento do segmento evangélico. E mais recentemente, com um aumento dos "Sem Religião". Como podemos compreender esses fenômenos?**

*Orivaldo P. Lopes Júnior* – Você está se referindo ao Brasil, eu suponho. O que aconteceu foi que até os anos 1980, a hegemonia do Catolicismo no Brasil criava um aparente monopólio religioso, e as pessoas se definiam como católicas de partida (*by default*). Essa auto-identificação gerava uma resistência coercitiva à adesão explícita ou implícita a outras formas de religiosidade, e mais ainda a autodefinição como “sem-religião”. O crescimento visível das igrejas evangélicas, progressivamente, vindo do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e finalmente

chegando ao Nordeste, quebrou a aparente hegemonia do catolicismo. Quebrada essa coerção simbólica, o crescimento das religiões não-católicas foi exponencial, bem como o dos “sem-religião”. O pluralismo religioso é o principal fator da secularização numa dada sociedade. O nível de secularização prática é muito grande, mas assumir isso só num ambiente de pluralismo religioso.

***Revista Inter-legere: Religião e Política têm estabelecidos vínculos muito estreitos no cenário contemporâneo. Como podemos visualizar esta relação?***

*Orivaldo P. Lopes Júnior* – Cada contexto tem evidentemente sua peculiaridade. De modo geral, conforme o pensamento de Boaventura de Sousa Santos, há uma tendência a teocracias, ou pelo menos de influências religiosas na ordem político-estatal em muitos países do mundo. Basta ver as atitudes e discursos de George Bush Jr. e de Estados islâmicos. Não acredito, no entanto, que seja uma tendência crescente. Quanto ao Brasil, somos uma democracia recente. Observamos que a participação dos religiosos na política ainda é feita de modo excessivamente corporativo, e um pouco amador, mas com a prática, e a solidez dos organismos democráticos, teremos uma superação dessas tendências. De qualquer forma, creio ser melhor o momento atual do que aquele em que os religiosos, especialmente os evangélicos, acreditavam ser o mundo da política algo do que se deveria afastar. Naquela época, a possibilidade dos religiosos serem usados como massa de manobra era muito maior.